

POLÍTICAS E SERVIÇOS DE SAÚDE 2

LUIS HENRIQUE ALMEIDA CASTRO
(ORGANIZADOR)



POLÍTICAS E SERVIÇOS DE SAÚDE 2

LUIS HENRIQUE ALMEIDA CASTRO
(ORGANIZADOR)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Prof^a Dr^a Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Prof^a Dr^a Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof^a Dr^a Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Prof^a Dr^a Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Prof^a Dr^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^a Dr^a Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Prof^a Dr^a Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Prof^a Dr^a Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Prof^a Dr^a Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof^a Dr^a Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Prof^a Dr^a Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Prof^a Dr^a Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Prof^a Dr^a Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^a Dr^a Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR

Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremona
Correção: Vanessa Mottin de Oliveira Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Luis Henrique Almeida Castro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P769 Políticas e serviços de saúde 2 / Organizador Luis Henrique Almeida Castro. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-818-2

DOI 10.22533/at.ed.182210401

1. Saúde. I. Castro, Luis Henrique Almeida (Organizador). II. Título.

CDD 613

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

A obra “Políticas e Serviços de Saúde” compila 85 trabalhos técnicos e científicos originais produzidos por acadêmicos, docentes e pesquisadores de diversas Instituições de Ensino no Brasil; os textos – que abrangem diversas metodologias de pesquisa – refletem o caráter plural e multidisciplinar desta temática trazendo ao leitor não só o panorama atual das políticas públicas de saúde, mas também como os aspectos biopsicossociais e ambientais característicos de nosso país permeiam este cenário.

Este E-Book foi dividido em quatro volumes que abordam, cada qual, fatores os intrínsecos ligados à política e serviços no âmbito da saúde no Brasil, respectivamente: “Clínica em Saúde”, que traz majoritariamente revisões e estudos de caso no intuito de fornecer novas possibilidades terapêuticas; “Diversidade Social” que tem como foco as ações práticas da comunidade científica no contexto da atuação profissional em coletividades; “Educação em Saúde”, volume que apresenta, discute e/ou propõe opções inclusivas para o ensino de saúde em ambiente comunitário, hospitalar e escolar; e, por fim, “Epidemiologia & Saúde” que compila estudos, em sua maioria observacionais, com foco na análise da transmissão de doenças comuns no cenário nacional ou ainda investigam novas abordagens para o estudo do tema.

Agradecendo o empenho dos autores na construção dessa obra, explicita-se o desejo de que esta leitura contribua para a ampliação do conhecimento científico das políticas públicas nacionais em saúde e também que possa contribuir para novos estudos.

Boa leitura!

Luis Henrique Almeida Castro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

“ASSIM PELO JEITO, PELA APARÊNCIA...”: REPERTÓRIOS SOBRE MASCULINIDADES POR PESSOAS COM IDENTIDADE DE GÊNERO MASCULINA E POR PROFISSIONAIS QUE ATUAM NA ATENÇÃO BÁSICA

Celestino José Mendes Galvão Neto

Ana Maria de Brito

Benedito Medrado

Amanda Trajano Batista

Isabelle Tavares Amorim

Juliana Leite Silva Ramos

DOI 10.22533/at.ed.1822104011

CAPÍTULO 2..... 21

A COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA E A PRÁTICA DO CÍRCULO DE CONSTRUÇÃO DE PAZ: INTERFACE COM A ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE

Vanessa Rodrigues Pucci

Fábio Rijo Duarte

Caren Fabiana Alves

Sonia Disconzi Rios Kienetz

Jaqueline Luiz Ribeiro

Isabel Cristina Martins Silva

DOI 10.22533/at.ed.1822104012

CAPÍTULO 3..... 28

A POLÍTICA DE INOVAÇÃO TECNOLÓGICA NA SAÚDE E A AGENDA DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Fotini Santos Toscas

Thiago Rodrigues Santos

Flavia Caixeta Albuquerque

Karina Pires Nogueira

DOI 10.22533/at.ed.1822104013

CAPÍTULO 4..... 35

ALEITAMENTO MATERNO E INCLUSÃO DAS MÃES SURDAS: O QUE MOSTRAM AS EVIDÊNCIAS CIENTÍFICAS

Ana Raquel Bezerra Saraiva Tavares

Vanusa Maria Gomes Napoleão Silva

Maria Roselise Bezerra Saraiva

Camila Almeida Leandro

Camila Cristine Tavares Abreu

Edna Maria Camelo Chaves

DOI 10.22533/at.ed.1822104014

CAPÍTULO 5..... 47

ANÁLISE DO USO DE PSICOTRÓPICOS POR IDOSOS QUE SOFREM VIOLÊNCIA:

REVISÃO DE LITERATURA

Cláudia Miriam da Silva Maciel

Tibério César de Lima Vasconcelos

DOI 10.22533/at.ed.1822104015

CAPÍTULO 6..... 55

CONSTRUÇÃO DE UM E-BOOK SOBRE AUTOCUIDADO EM PACIENTES DIABÉTICOS EM MEIO À PANDEMIA DE COVID-19: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Georgia de Melo Castro Gondim

Thayná da Silva Lima

Julia Maria Sales Bedê

Iasmin Cavalcante Araújo Fontes

Débora Fidélis de Oliveira

José Carlos Tatmatsu Rocha

Daniela Gardano Bucharles Mont'Alverne

DOI 10.22533/at.ed.1822104016

CAPÍTULO 7..... 62

CONTEXTOS DE VULNERABILIDADES À VIOLÊNCIA CONFIGURADOS NO CAMPO DE TRABALHO DE MULHERES PROFISSIONAIS DO SEXO

Isabel Cristiane de Noronha

Ana Rosa Ribeiro Elias

Lúcio Borges de Araújo

Maria Cristina de Moura Ferreira

Carla Denari Giuliani

Mariana Hasse

Marcelle Aparecida de Barros Junqueira

DOI 10.22533/at.ed.1822104017

CAPÍTULO 8..... 72

EDUCAÇÃO EM SAÚDE: HABILIDADES SOCIAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS SOBRE DROGAS

Rafael Britto de Souza

Claudia Teixeira Gadelha

Vicente Thiago Freire Brazil

Danielly Maria Marques Brazil

DOI 10.22533/at.ed.1822104018

CAPÍTULO 9..... 85

EDUCAÇÃO SEXUAL: UMA ABORDAGEM SOBRE MÉTODOS CONTRACEPTIVOS NA ADOLESCÊNCIA

Iasmin Dutra de Almeida

Alynne Bayma dos Santos

Christian Sadik Romero Meija

Fabrcia Cristina da Cruz Sousa

Filipe Maia de Oliveira

Gabriella de Barros Gondim

Homero da Silva Pereira

João Pedro Silva Majewski
Marcelo Santos Lima Filho
Otávio Bruno Silva da Silva

DOI 10.22533/at.ed.1822104019

CAPÍTULO 10..... 96

ENTENDIMENTO DOS PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE AS RECOMENDAÇÕES DE ATIVIDADE FÍSICA PARA ADULTOS

Lis Maria Machado Ribeiro Bezerra
Layane Costa Saraiva
Cícera Luana de Lima Teixeira
Azenildo Santos Moura
Luciana Nunes de Souza

DOI 10.22533/at.ed.18221040110

CAPÍTULO 11..... 106

ESTRATÉGIA EDUCATIVA PARA A PROMOÇÃO DO ENVELHECIMENTO SAUDÁVEL DURANTE A PANDEMIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Ione de Sousa Pereira
Maria Regina Cavalcante da Silva
Pedro Ivo Torquato Ludugerio
Vitória Raissa Rodrigues Ferreira
Willian dos Santos Silva
Aliniana da Silva Santos
Izabela Alves de Oliveira Bezerra

DOI 10.22533/at.ed.18221040111

CAPÍTULO 12..... 117

ESTRATÉGIA SAÚDE DA FAMÍLIA E ESCOLA: UMA PARCERIA COM O CREAS NA PROMOÇÃO DA SAÚDE E TRANSTORNOS AFETIVOS

Elza Aline Moura Nazario Ayub
Luciana Barbosa Firmes Marinato

DOI 10.22533/at.ed.18221040112

CAPÍTULO 13..... 130

ESTUDO ANTROPOMÉTRICO E COMPORTAMENTO EM RELAÇÃO À ATIVIDADE FÍSICA E ALIMENTAR DE SERVIDORES

Mário Sérgio Vaz da Silva
Eliane Clara Fonseca Cardozo
Márcia Soares Mattos Vaz
Bárbara Cristóvão Carminati
Vivian Mendes de Souza
Vitor Vieira do Nascimento
Daniel Traina Gama

DOI 10.22533/at.ed.18221040113

CAPÍTULO 14..... 147

FATORES ASSOCIADOS AOS ÍNDICES DE DEPRESSÃO E SUICÍDIO ENTRE OS

UNIVERSITÁRIOS

Benedita Maryjosé Gleyk Gomes
Aline de Sousa Rocha
Roberta Sousa Meneses
Marcos Antonio Silva Batista
Rosane Cristina Mendes Gonçalves
Talita Sousa Batista
Samara Lima Ferreira
Fernanda Viana Teixeira

DOI 10.22533/at.ed.18221040114

CAPÍTULO 15..... 156

INTERFACE ENTRE POLÍTICAS PÚBLICAS DE SAÚDE E PESSOAS COM DEFICIÊNCIA À LUZ DE TEORIAS DE ENFERMAGEM

Isabella Joyce Silva de Almeida
Mayara Araújo Rocha
Rosilene Santos Baptista
Francisco Stélio de Sousa
Renata Ferreira de Araújo
Bruna de Souza Buarque
Jamilly da Silva Aragão Coura
Amanda Oliveira Bernardino Cavalcanti de Albuquerque
José Flávio de Lima Castro
Kydja Milene Souza Torres de Araújo
Marismar Fernandes do Nascimento
Alexsandro Silva Coura

DOI 10.22533/at.ed.18221040115

CAPÍTULO 16..... 168

O DESAFIO DE DIZER “NÃO”

Melice Gois de Oliveira
Alessandra Sant’Anna Bianchi

DOI 10.22533/at.ed.18221040116

CAPÍTULO 17..... 183

PERCEÇÃO DE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA SOBRE SUAS NECESSIDADES DE SAÚDE

Lúcia Rondelo Duarte
Ariane Amélia da Silva Tavares
Isabella Maria Bonvechi de Sousa

DOI 10.22533/at.ed.18221040117

CAPÍTULO 18..... 195

PERCEÇÃO DO NUTRICIONISTA SOBRE O SEU PAPEL ENQUANTO RESPONSÁVEL TÉCNICO DO PROGRAMA NACIONAL DE ALIMENTAÇÃO ESCOLAR – PNAE, NA V GERÊNCIA REGIONAL DE SAÚDE DO ESTADO DE PERNAMBUCO

Grazielle Édila da Silva
Rosalva Raimundo da Silva

Élison Ruan da Silva
Daniely Cordeiro da Cruz

DOI 10.22533/at.ed.18221040118

CAPÍTULO 19.....216

PLATAFORMAS *ONLINE* E SUA IMPORTÂNCIA NO ACESSO À SAÚDE OCUPACIONAL E ESCOLAR EM TEMPOS DE PANDEMIA

Carlos Davi Bezerra Felipe
Thalles Aguiar Nobre
Carlos Henrique de Angelim Macedo
Cristiane Marinho Uchôa Lopes
Gabriel Silva Resende
Maria Larysse Guilherme Lacerda
Mirna Fontenele de Oliveira
Antonio Yony Felipe Rodrigues
Victor Alexandre Mariano

DOI 10.22533/at.ed.18221040119

CAPÍTULO 20.....221

PRÁTICAS INTEGRATIVAS COMPLEMENTARES E A SAÚDE DO TRABALHADOR: REVISÃO SISTÊMICA DA LITERATURA A PARTIR DA IMPLANTAÇÃO DESTA POLÍTICA NACIONAL NO SUS

Simone Ciunek Corrêa
Erivelton Fontana de Laat

DOI 10.22533/at.ed.18221040120

CAPÍTULO 21.....234

PREFERÊNCIAS NO TRABALHO SEGUNDO O RELATO DE PROFESSORES DO ENSINO BÁSICO DA REDE PÚBLICA

Sabrina Corral-Mulato
Larissa Angélica da Silva Philbert
Janaina Luiza dos Santos
Adriana Medeiros Braga
Thaís dos Santos Araujo
Sonia Maria Villela Bueno

DOI 10.22533/at.ed.18221040121

CAPÍTULO 22.....247

PRO-AQUÁTICA: HIDROGINÁSTICA “SHALLOW-WATER”, UMA AÇÃO EXTENSIONISTA

Walcir Ferreira Lima
Silvia Bandeira da Silva Lima
Mariane Aparecida Coco
Thais Maria de Souza Silva
Aryanne Hydeko Fukuoka Bueno
Aline Gomes Correia
Andreza Marim do Nascimento
Thainá da Silva Martins
Maria Eduarda dos Santos Firmino

Nelson Aparecido Martins Filho
Tamiris Dynczuki Ribeiro
Flávia Évelin Bandeira Lima

DOI 10.22533/at.ed.18221040122

CAPÍTULO 23.....251

QUESTÕES SOCIOECONÔMICAS E SANITÁRIAS NA ATUAÇÃO DE AGENTES AMBIENTAIS COLETORES DE RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS NO MUNICÍPIO DE MATINHOS-PR

Jonatas Mesquita Lell
Anielly Dalla Vecchia
Andressa Christiane Buss Schlemper
Francielly Dalla Vecchia
Edna de Meira Coelho
Heleonora Susana Razente

DOI 10.22533/at.ed.18221040123

CAPÍTULO 24.....262

UNIDADE DA DIVERSIDADE: O CASO DOS WARAO E O PAPEL DO CONSULTÓRIO NA RUA EM MANAUS

Raquel Lira de Oliveira Targino
Rosiane Pinheiro Palheta
Jacqueline Cavalcanti Lima
Hudson Andre Arouca Cauper
Maria de Nazaré Feitosa Xaud
Lúcia Helena de Araújo Jorge
Samuel Monteiro do Nascimento Barbosa
Cassiano Alencar de Vasconcelos Dias Jimenez
Alex Araújo Rodrigues
Ana Paula da Silva Lima

DOI 10.22533/at.ed.18221040124

SOBRE O ORGANIZADOR.....273

ÍNDICE REMISSIVO.....274

CAPÍTULO 7

CONTEXTOS DE VULNERABILIDADES À VIOLÊNCIA CONFIGURADOS NO CAMPO DE TRABALHO DE MULHERES PROFISSIONAIS DO SEXO

Data de aceite: 01/02/2021

Data de submissão: 28/10/2020

Marcelle Aparecida de Barros Junqueira

Universidade Federal de Uberlândia
Uberlândia, MG, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/1792022710649813>

Isabel Cristiane de Noronha

Universidade Federal de Uberlândia, Instituto
de Geografia
Uberlândia – MG
<http://lattes.cnpq.br/6274775519876327>

Ana Rosa Ribeiro Elias

Universidade de São Paulo, Escola de
Enfermagem
São Paulo -SP
<http://lattes.cnpq.br/5342733766031664>

Lúcio Borges de Araújo

Universidade Federal de Uberlândia, Faculdade
de Matemática
Uberlândia – MG
<http://lattes.cnpq.br/1633451941969946>

Maria Cristina de Moura Ferreira

Universidade Federal de Uberlândia, Faculdade
de Medicina
Uberlândia – MG
<http://lattes.cnpq.br/0691592767654870>

Carla Denari Giuliani

Universidade Federal de Uberlândia, Faculdade
de Medicina
Uberlândia – MG
<http://lattes.cnpq.br/0924515986721388>

Mariana Hasse

Universidade Federal de Uberlândia, Faculdade
de Medicina
Uberlândia – MG
<http://lattes.cnpq.br/4986970372853513>

RESUMO: Objetivou-se analisar as vulnerabilidades e violências vivenciadas por mulheres profissionais do sexo no ambiente de trabalho. O estudo constituiu-se de uma pesquisa de campo descritiva, por meio de uma abordagem mista e realizada com 158 mulheres profissionais do sexo. Os resultados evidenciaram que 34% das participantes sofreram algum tipo de violência. Destas, 85,2% alegam ter sofrido violência verbal, física (33%) e sexual (7,4%). Dentre os fatores associados, a estar sujeita a violência e o chefe como perpetrador, estão o grau de escolaridade ($p=0,022$; $p=0,048$), enquanto raça/cor esteve associada à violência física ($p=0,023$). A vulnerabilidade individual foi compreendida por aspectos emocionais, cognitivos, comportamentais e percepção de risco frente às situações do ambiente de trabalho. Os componentes da vulnerabilidade social foram caracterizados pela violência de gênero, quebras na relação com clientes, práticas sexuais não acordadas e ambiente de risco. Já a vulnerabilidade programática foi identificada nas situações de acesso aos dispositivos de saúde e serviços de segurança pública. Concluiu-se que essas mulheres estão inseridas em contextos de vulnerabilidades, traduzidos em diversas formas de violência e implicados em dimensões individuais, sociais e programáticas.

PALAVRAS-CHAVE: Vulnerabilidade em saúde.

VULNERABILITY CONTEXTS OF VIOLENCE IN THE WORKPLACE OF FEMALE SEX WORKERS

ABSTRACT: The objective of this study was to analyze the vulnerabilities of the working context experienced by female sex workers in relation to violence suffered in the work environment. The study consisted of a descriptive field study, using a quantitative-qualitative approach and carried out with 158 female sex workers. The results showed that of the participating sex workers, most reported not having suffered any type of violence, although 34% were victims. Of these, 85.2% reported verbal, physical (33%) and sexual violence (7.4%). Among the associated factors, the subjection of violence and the boss as perpetrator are the degree of schooling ($p = 0.022$, $p = 0.048$), whereas race/color was associated with physical violence ($p = 0.023$). The components of social vulnerability were characterized by gender-based violence, breach in clients' relationships, unsatisfied sexual practices, and a risky environment. Individual vulnerability was understood by emotional, cognitive, behavioral and risk perception aspects of the work environment. Programmatic vulnerability was identified in situations of access to health devices (STD / AIDS prevention programs) and security services. It was concluded that these sex workers are inserted in contexts of vulnerability, translated into various forms of violence and perpetrators, and implicated in social, individual and programmatic dimensions

KEYWORDS: Vulnerability in health. Violence. Sex workers.

1 | INTRODUÇÃO

As descrições sobre a prostituição como atividade profissional constituem-se de debates milenares, podendo ser identificadas várias tentativas de controle e eliminação desta atividade. A profissão sempre sofreu diversos preconceitos e, em consequência, está situada à margem da sociedade (SCHREINER et al., 2004). As mulheres profissionais do sexo constituem um grupo estigmatizado e que vivencia diversas situações de violência, tanto física, psicológica, patrimonial e sexual (PENHA, 2012).

Ayres et al. (2003) ao definirem vulnerabilidade, descrevem-na como resultado de aspectos coletivos e contextuais relacionados a uma maior ou menor possibilidade de adoecimento. Relacionam-se também, quase de maneira intrínseca, à maior ou menor disponibilidade e acesso a recursos protetivos. Por isso, pode-se dizer que ela é multidimensional e variável. O surgimento desse conceito na área da prevenção é uma forma de superação do referencial epidemiológico, que se apoia em noções de fatores comportamentos ou grupos de risco. Na ideia de vulnerabilidade proposta, está contemplada uma síntese entre as dimensões individuais, sociais, institucionais e políticas associadas às diferentes condições de indivíduos ou grupos aos processos de adoecimento e cuidado.

Para Arboit et al. (2014), mesmo que existam avanços no sentido de reconhecimento das profissionais do sexo como um grupo vulnerável, ainda há necessidade de maiores

avanços, singularmente em relação ao reconhecimento dos direitos humanos dessas mulheres. Diante do exposto, compreender a vulnerabilidade vivenciada por profissionais do sexo é fundamental para a identificação e elaboração de políticas que garantam equidade a essas mulheres. Para tanto, objetivou-se analisar as vulnerabilidades experimentadas por mulheres profissionais do sexo relacionadas às violências vividas no ambiente de trabalho.

2 | METODOLOGIA

O estudo constituiu-se de uma pesquisa de campo descritiva, com abordagem quanti-qualitativa, com 158 mulheres cisgênero, que trabalham como profissionais do sexo na cidade e que são cadastradas em uma Organização Não Governamental. O recrutamento das participantes se deu através de visitas aos locais de trabalho das mulheres profissionais do sexo, com horários e datas pré-agendados conforme contato prévio com a ONG. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, com parecer n. 3.849.113.

Na enfoque quantitativo utilizou-se um questionário estruturado contendo questões relacionadas aos dados sociodemográficos e questões relacionadas ao tipo de violência sofrida. As variáveis quantitativas foram avaliadas de forma descritiva e bivariada, utilizando testes como o de normalidade Shapiro-Wilk, ANOVA, teste de Kruskal-Wallis, coeficiente de correlação de Pearson ou Spearman. Todos os testes foram aplicados utilizando um nível de significância de 5 % ($p < 0.05$).

No enfoque qualitativo, a compreensão e a análise das situações de vulnerabilidade do ambiente de trabalho das profissionais do sexo tiveram como referência a abordagem qualitativa, que se volta para os significados e a intencionalidade das ações nos contextos das estruturas sociais (MINAYO, 2001). Em relação à coleta dos dados, utilizou-se a entrevista semiestruturada que foi audiogravada e transcrita na íntegra e o nome das participantes sendo substituído pela sigla (PS).

Para a entrevista, foram convidadas 14 mulheres profissionais do sexo participantes do estudo, cuja amostragem se deu por saturação. As análises foram divididas previamente três categorias: vulnerabilidade individual, social e programática, entendidas como situações experimentadas no contexto de trabalho das profissionais do sexo.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre as mulheres entrevistadas, 120 (75,9%) estavam solteiras. No que diz respeito à cor, houve predominância da parda, que representou 81 (51,9%) do total de respondentes. Estudo realizado em Belo Horizonte, mostrou que das 216 profissionais do sexo entrevistadas, 34,8% se declararam pardas, o que também representou maior prevalência entre as cores (VIDAL et al., 2014).

Quanto à escolaridade das participantes, 157 (99,4%) afirmaram ser alfabetizadas

e, dentre estas, houve predominância do ensino médio completo (54/34,2%). Os dados contrariam o estudo de Lima et al. (2017), que encontrou um nível de escolaridade baixo, sendo que 59,2% não completaram o ensino fundamental.

Dentre as mulheres participantes do estudo, obteve-se uma média de idade de 27 anos. Semelhante a um estudo realizado em 2012, com 76 profissionais do sexo do Piauí, onde a maioria das entrevistadas apresentava idade até 30 anos (Penha et al., 2012). Outro estudo em Campina Grande na Paraíba, as entrevistadas possuíam idade média de 27 anos (SILVA; COSTA; NASCIMENTO, 2010). Atualmente, é considerável o aumento do número de mulheres mais jovens que trabalham como profissionais do sexo, sobretudo visando aumento de rendimento e condições que permitam a aquisição de bens de consumo e melhor sobrevivência (BOTELHO, 2003).

A média da renda familiar das entrevistadas foi de 3.016,56 reais, diferentemente do estudo de Penha et al. (2012), que encontrou uma renda predominantemente de meio a um salário mínimo. Neste estudo, no que se refere ao tipo de habitação/casa das participantes, 92 (58,2%) são alugadas. Esse resultado assemelha-se ao de um estudo realizado em São Paulo, onde 56,0% das profissionais do sexo residiam de aluguel (SALMERON; PESSOA, 2012).

Entre as participantes 34% tenha experimentado algum tipo de violência no ambiente de trabalho, dados que se assemelham ao encontrado em um estudo com 40 profissionais do sexo, do município de Sobral no estado do Ceará, que identificou que 47,5% não havia sofrido violência no trabalho (NETO; OLIVEIRA; ROCHA, 2007).

As violências podem ser do tipo física, sexual e psicológica, com ocorrência em espaços públicos e privados. A violência física acontece quando há uma ação destinada a causar dano físico a outra pessoa. A sexual ocorre quando a pessoa em posição de poder exige que outra realize atos sexuais contra sua vontade, usando de força física ou mesmo chantagem. Em se tratando da psicológica, é toda ação destinada a produzir danos da ordem psicológica ou sofrimento moral a outra pessoa (NETO; OLIVEIRA; ROCHA, 2007).

No que se refere à violência física, encontramos 18 profissionais (33,3%) relatam terem sido submetidas. Um estudo de Vidal et al. (2014), revelou que das profissionais do sexo respondentes, 20,4% havia sofrido violência física. Quanto à violência verbal, 46 (85,2%) das respondentes referiram ter sofrido. No estudo de Neto; Oliveira; Rocha (2007) a violência verbal foi manifestada em 10% das notificações de violência sofrida por profissionais do sexo. Já em relação à violência sexual 8,4% das profissionais relataram ter sofrido no ambiente de trabalho, no estudo de Penha et al. (2012) esse índice foi de 3,2% entre as prostitutas participantes.

Verificou-se que a violência causada pelo cliente, evidenciado por 34 (68,0%) foi a representação de resultados mais significativos. Contrariando este achado, no estudo de Lima et al. (2017) que estimava a prevalência de violência contra mulheres profissionais do sexo de dez cidades brasileiras, verificou-se que os parceiros íntimos foram os principais

agressores das mulheres profissionais do sexo.

Do total de respondentes que referiram ter sofrido algum tipo de violência no ambiente de trabalho, uma participante (1,9%) relata ter notificado a violência, enquanto que 52 (98,1%) não notificaram a violência sofrida. Perfil semelhante e observado no estudo de Neto, Oliveira, Rocha (2007), que verificou que a maior parte das profissionais do sexo (48,0%) não toma nenhuma atitude após serem vitimadas.

Na análise estatística, percebeu-se que a variável “sofreu algum tipo de violência no trabalho” foi associado com o grau de escolaridade, onde houve predominância do ensino médio incompleto. Segundo Gadoni-Costa, Zucatti, Dell’Aglia (2011), o que diferencia a conduta das mulheres é que as mais esclarecidas teriam maior autonomia pessoal, diminuindo a tolerância às agressões.

A violência física esteve associada à raça/cor, com predominância da cor parda, contrariando o estudo de Lima et al., (2017) em que a violência física esteve associada a raça/cor preta. Dentre as violências verbal e sexual, nenhum dos fatores sociodemográficos estiveram associados significativamente. No estudo de Lima et al. (2017), a violência verbal esteve associada com fatores como idade de 18 a 30 anos, valor do programa, uso de álcool, drogas e uso do preservativo.

Categorização temática

Bonadiman, Machado e Lopez (2012) afirmam que as profissionais do sexo estão inseridas em cenários de extremas vulnerabilidades, as quais se associam ao ambiente, às ações e aos vínculos relacionais constituídos no ambiente de trabalho e também às condições de acesso aos serviços de saúde.

Vulnerabilidade individual

Entre os elementos mais destacados, pode-se apreender que a dimensão individual dessas mulheres, é compreendida por aspectos emocionais, cognitivos, comportamentais e percepção de risco frente às situações do ambiente de trabalho. A respeito das vulnerabilidades presentes no contexto de trabalho, as profissionais do sexo destacaram e reconheceram que o trabalho por elas desempenhado, por vezes as expõem a contextos vulneráveis.

Quando questionadas se as mesmas já se sentiram vulneráveis em alguma situação, verificou-se que grande parte das entrevistadas afirma tal hipótese. “Sim, e principalmente a gente se sente muito mau” (PS4). Vulnerável? Como assim? Já, já tentaram me estuprar três vezes” (PS3). “Ah sim, a gente tem sérios riscos” (PS1).

Em contrapartida, em outros depoimentos, duas das profissionais do sexo não se reconhecem neste contexto de vulnerabilidades, como representando pelas falas: “Não, sempre me senti bem a vontade no meu serviço” (PS5). “Olha, nunca, de risco para mim não” (PS6). Tais constatações vão ao encontro de estudos que revelam que algumas

profissionais do sexo também reconhecem a violência como condição inerente ao trabalho (RUSSO, 2007).

Neste mesmo sentido, destaca-se a noção de risco e comportamento sexual em virtude das práticas sexuais desenvolvidas pelas profissionais do sexo, sendo representado nas falas. “Assim quando a camisinha estourou, assim, as camisinhas estouram [...] Não fiz nada, só me lamentei” (PS7). “[...] E quando a camisinha arrebenta, a gente, é um susto muito grande porque a gente não sabe a origem da pessoa” (PS1).

A possibilidade de adquirir doenças, em especial as infecções sexualmente transmissíveis (IST) e Aids, constitui um risco constante no contexto de trabalho das profissionais do sexo. Desde o surgimento da Aids, na década de 1980, a matéria-prima do programa, o sexo comercial, tornou-se um risco operacional da profissão. Assim, as profissionais do sexo estão incluídas no grupo de vulnerabilidade às DST e à Aids (AZEVEDO et al., 2007).

Percebeu-se, ainda, que após terem sido vitimadas, as profissionais do sexo verbalizam sentimentos traduzidos em sofrimento e desgastes mentais. “[...] Quando o homem fala: Por que você tá aqui? Você é tão bonita e tal, às vezes isso machuca a gente, ninguém sabe porque está aqui dentro” (PS3). “Eu tive que ficar com um cliente que eu tive que praticamente espancar ele dentro do quarto [...] isso me fez sentir muito mal” (PS8).

O estudo de Burbulhan, Guimarães, Bruns (2012) também revelou que, para as profissionais do sexo, não há dinheiro que pague pela violência sofrida no ambiente de trabalho, pois os clientes supõem que, pelo fato de estarem realizando o pagamento pelo programa, possuem o direito de violentá-las, seja psicológica ou fisicamente.

Vulnerabilidade social

Pode-se apreender a dimensão social dessas mulheres pelas experiências narradas de violência de gênero, quebras na relação com clientes, violência nas suas mais diversas formas, práticas sexuais não acordadas e um ambiente de risco. Neste sentido, as profissionais do sexo participantes reconheceram a violência sofrida no seu ambiente de trabalho, reafirmando que estas mulheres, em qualquer contexto, são vitimadas pela violência. “[...] Foi assim, quando eu comecei, eu não tinha tanta experiência, e a pessoa foi para cima de mim verbalmente, depois eu fui para cima dele tentar medir força e ele me segurou muito forte, me apertou, me jogou em cima da cama, puxou meu cabelo, falou muitas palavras feia pra mim” (PS1).

Salienta-se que a manifestação máxima de subordinação da mulher é a violência de gênero. Tal afirmação é retratada pelas profissionais nos seus discursos. “A gente tem sérios riscos [...] se um cara chegar agressivo, dentro do quarto, ou lá de fora ele mostrar uma pessoa calma e chegar lá dentro do quarto, se mostrar uma pessoa agressiva quer te estrupar, assim a força, ou quer fazer um programa a força, achar que ele é superior a você, querer te desmerecer, te diminuir dentro do quarto (PS1)”.

A violência de gênero configura-se, ainda, como um grande paradigma, refletindo sobre os modos de adoecer, qualidade de vida e de morrer de mulheres vitimadas (LIMA et al., 2013). A violência de gênero, não ocorre aleatoriamente, mas deriva de uma organização social de gênero, que privilegia o masculino (SAFFIOTI, 2004).

Outra situação bastante mencionada refere-se à violência praticada pelos clientes contra as mulheres profissionais do sexo. Destaque se dá pelo fato de o cliente não querer pagar o acordado, exigindo uma modalidade de sexo não aceita pela profissional ou mesmo pela violência moral, quando a mulher passa por situações de humilhação (SILVA, COSTA, NASCIMENTO, 2010). “Eu me lembro uma vez que o cliente queria penetrar sem camisinha, e eu tive que empurrar ele, sair, e ele me puxou e chegou a machucar meu braço (PS2). [...] Nossa você tem que fazer isso porque eu tô pagando você para isso (PS2)”. De fato, como os demais fenômenos sociais, também o patriarcado está em permanente transformação, ainda sob a influência do sexismo reinante na sociedade (SAFFIOTI, 2004).

Percebe-se através das narrativas apresentadas acima, relações de poder entre cliente e profissionais do sexo implicadas em seu contexto de trabalho. Foucault (1979), em *Microfísica do Poder*, afirma que o poder circula por todos os lugares, sendo, portanto, uma relação de forças, percorrendo por todos os indivíduos. Neste sentido, o contrapoder das profissionais do sexo está também na não aceitação de uma prática sexual imposta pelo cliente.

De acordo com Heidegger (2008), a prostituição é um mundo relacional, no qual, por constituir-se em troca de satisfação e fantasias sexuais, por dinheiro e sem contrato formal, é provável que haja rompimentos nessa relação. Nessa quebra, a violência pode vir junto.

As profissionais vivenciam situações bastante inseguras em seu contexto de trabalho por estarem expostas a ambientes determinantes de atos violentos. “[...] Tava eu mais uma amiga, o cara pois a gente no carro, foi sentido ao motel dentro da cidade, mas ele desviou o caminho, e a gente teve que descer do carro andando e inclusive ela ralou a perna tudinho assim e ele tava levando a gente pra saída de Uberlândia (PS3)”. Depreende-se que a profissional do sexo não sabe o que pode encontrar em uma relação que envolve dois corpos com desejos diferentes e cujas necessidades são negociadas, onde não há garantia de que o serviço por elas prestado seja seguro (BURBULHAN; GUIMARÃES; BRUN, 2012).

Vulnerabilidade programática

Essa categoria expressa a narrativa das profissionais do sexo, no que diz respeito a situações de acesso aos dispositivos de saúde (programas de prevenção DST/AIDS) e serviços de segurança pública. De acordo com Ayres et al. (2003), a vulnerabilidade programática está implicada nos recursos sociais necessários para a proteção do indivíduo a riscos à integridade e ao bem-estar social, físico e psicológico.

Neste sentido, as profissionais do sexo, vivenciam em suas práticas, situações em

que as deixam mais expostas, nas quais recorrem aos serviços de saúde para a realização de exames e testes rápidos como forma de detecção de doenças. Verificou-se nos discursos que apenas uma das profissionais do sexo referiu ter procurado o serviço de saúde para este fim. “[...] Já estourou camisinha, então pode haver probabilidade do risco de doenças, né? Mas não tem, porque depois disso já fiz exame (PS9)”.

Destaque se dá para as situações do ambiente de trabalho das quais as profissionais vivenciam e que por sua vez, não oferecem qualquer tipo de segurança. “[...] Também não acionou nem polícia, nem conselho tutelar para não dar em nada, abafou o caso (PS3). Os caras me levou, me sequestrou, queria me matar, só que daí o cara que eu tava na casa dele chamou a polícia, aí eles ia levar para me matar e a polícia pegou e abordou o carro (PS10)”.

O exercício da prostituição é cercado por situações de violação de direitos, como percebemos na narrativa: “[...] Os donos não gosta que chama a polícia, eles não aceita, eles preferem que as menina peguem as coisas e vão embora do que ligar para a polícia, tipo eles não deixa nós ligar para a polícia para não sujar a casa, eles pega e fala pra a gente ir embora, pegar as coisas da gente e não vim trabalhar mais ou muitas vezes eles aplicam uma multa na menina, tipo, ela brigou com um cliente, discutiu, eles não quer saber se o cliente tá errado, se a menina tá errada, para eles o cliente sempre é certo, eles simplesmente manda a menina ir embora (PS3)”.

Para Olivar (2012), é de extrema importância que a prostituição ganhe um novo olhar, para que essas mulheres sejam vistas como sujeito de direitos, que por sua vez, possam ter garantidos seus direitos laborais. Em contrapartida existem dois grandes obstáculos para esse reconhecimento que são da ordem da sexualidade e do gênero, para isso é imprescindível que essas questões estejam em pauta nas discussões numa tentativa de politização destas temáticas.

Muito embora a atenção às profissionais do sexo tenha passado a ser norteadas pela perspectiva da vulnerabilidade, constata-se que as mesmas têm recebido pouca atenção dos órgãos de saúde pública e de pesquisadores da área da saúde no Brasil. Desse modo, há um desconhecimento das dimensões dessa problemática, bem como os aspectos relacionados com a vulnerabilidade à violência a que são submetidas, sendo esse conhecimento substancial para orientação de programas e ações preventivas e de promoção de saúde (ARBOIT et al., 2014).

4 | CONCLUSÃO

Encontrou-se que das mulheres profissionais do sexo entrevistadas, a maior parte se declarou solteira, parda, possuindo ensino médio completo, com uma média de idade de 27 anos. Mais de um terço das profissionais do sexo referiu ter sofrido algum tipo de violência no ambiente de trabalho, e das violências das quais são vitimadas, a violência

verbal obteve resultados mais expressivos, seguido da violência física e por final, sexual.

Os componentes da vulnerabilidade social foram identificados pelas experiências narradas de violência de gênero, quebras na relação com clientes, violência nas suas mais diversas formas, práticas sexuais não acordadas e um ambiente de risco. No que diz respeito à vulnerabilidade individual das profissionais do sexo, esta foi compreendida por aspectos emocionais, cognitivos, comportamentais e percepção de risco frente às situações do ambiente de trabalho. Já a vulnerabilidade programática foi identificada nas situações de acesso aos dispositivos de saúde e serviços de segurança.

Os resultados encontrados foram significativos, posto que, proporcionaram mais conhecimento acerca das vulnerabilidades vivenciadas no ambiente de trabalho das mulheres profissionais do sexo. Neste sentido, a busca por dados qualitativos com o propósito de compreender as situações que envolvessem as profissionais do sexo em análise, possibilitou revelar os aspectos inerentes à prostituição como atividade profissional e sua intersecção com o ambiente de trabalho que, por vezes é demarcado por elementos constitutivos de violação de seus direitos.

REFERÊNCIAS

ARBOIT, J. et al. Situações de vulnerabilidade à violência de mulheres profissionais do sexo: interfaces no campo da saúde. **Rev. Enferm. UFPE on-line**, Recife, v. 8, n. 2, p. 3784-3789, 2014.

AYRES, J. R. C. M. et al. O conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde: novas perspectivas e desafios. In: CZERESNIA, D.; FREITAS, C. M. (Org.). **Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.

AZEVEDO, R. L. W. et al. O cotidiano do trabalho de profissionais do sexo: a vulnerabilidade laboral. In: **CONGRESSO VIRTUAL HIV/AIDS DA COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA**, 2007. Lisboa. Anais eletrônicos... Disponível em: <http://apps.siquant.pt/aidscongress/Modules/WebC_Docs/GetDocument.aspx?DocumentId=258>. Acesso em: 12 set. 2017.

BOTELHO, S. M. N. **Prostituição de adolescentes: uma imagem construída na adversidade da sociedade**. 2003. Dissertação (Pós-Graduação em Enfermagem) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, São Paulo, 2003.

BONADIMAN, P. O. B.; MACHADO, P. S.; LÓPEZ, L. C. Práticas de saúde entre prostitutas de segmentos populares da cidade de Santa Maria-RS: o cuidado em rede. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 789-801, 2012.

BURBULHAN, F.; GUIMARÃES, R. M.; BRUNS, M. A. T. Dinheiro, afeto, sexualidade: a relação de prostitutas com seus clientes. **Psicol em Est**, Maringá, v. 17, n. 4 p. 669-677, 2012.

GADONI-COSTA, L. M.; ZUCATTI, A. P. N.; DELL'AGLIO, D. D. Violência contra a mulher: levantamento dos casos atendidos no setor de psicologia de uma delegacia para a mulher. **Est Psicol**, Campinas, v. 28, n. 2, p. 219-227, 2011.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. 12. ed. São Paulo: Vozes, 2008.

FOUCAULT, Michel . **Microfísica do poder**. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

LIMA, F. S. S. et al. Fatores associados à violência contra mulheres profissionais do sexo de dez cidades brasileiras. **Cad. Saúde Pública**, Brasília, v. 33, n. 2, 2017.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NETO, F. R. G. X.; OLIVEIRA, J. S.; ROCHA, J. Violência sofrida pelas profissionais do sexo durante seu trabalho e as atitudes tomadas após serem vitimadas. **REME – Rev. Min. Enferm**, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 248-253, 2007.

OLIVAR, J. M. N. Prostituição feminina e direitos sexuais... diálogos possíveis? **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, n. 11, p. 88-121, 2012.

PENHA, J. C. et al. Caracterização da violência física sofrida por prostitutas do interior piauiense. **Rev. Bras. Enferm**, Brasília, v. 65, n. 6, p. 984-990, 2012.

RUSSO, G. No labirinto da prostituição: o dinheiro e seus aspectos simbólicos. **Cad. CRH**, Salvador, v. 20, n. 51, p. 497-514, 2007.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. Editora: Perseu Abramo, 2004.

SALMERON, N. A.; PESSOA, T. A. M. Profissionais do sexo: perfil socioepidemiológico e medidas de redução de danos. **Acta Paul Enferm**, São Paulo, v. 25, n. 4, p. 549-554, 2012.

SCHREINER, L. et al. Prevalência de sintomas depressivos em uma amostra de prostitutas de Porto Alegre. **Rev. Psiquiatr**, Rio Grande do Sul, v. 26, n. 1, p. 13-20, 2004.

SILVA, E. F.; COSTA, D. B.; NASCIMENTOS, J. U. O trabalho das profissionais do sexo em diferentes lócus de prostituição da cidade. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 109-122, 2010.

VIDAL, C. E. L. et al. Preditores de transtornos mentais comuns (TMC) em prostitutas utilizando o self-reporting questionnaire. **Rev. J. Bras. Psiquiatr**, v. 63, n. 3, p. 205-212, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v63n3/0047-2085-jbpsiq-63-3-0205.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2017.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adolescência 19, 82, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 123, 152, 154, 180

Aleitamento materno 35, 36, 38, 39, 44

Alimentação 7, 106, 108, 110, 112, 116, 122, 123, 131, 132, 141, 145, 183, 188, 189, 190, 191, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 206, 207, 208, 209, 210, 212, 213, 214, 215, 219, 222, 268, 270

Alimentação escolar 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 203, 206, 208, 209, 212, 213, 214, 215

Atividade física 57, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 106, 108, 110, 114, 116, 122, 123, 130, 131, 132, 133, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 219

Autocuidado 3, 55, 57, 60, 108, 188, 190, 219, 231, 232, 233, 243, 260

C

Coleta seletiva 260

Coletores de resíduos 251

Comportamento 8, 19, 67, 72, 73, 74, 75, 77, 80, 81, 83, 97, 121, 130, 131, 132, 133, 135, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 149, 154, 168, 170, 171, 173, 177, 181, 244

Covid-19 55, 56, 57, 58, 59, 61, 216, 217, 219

D

Depressão 47, 48, 49, 52, 82, 98, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 181, 183, 187, 189, 190, 243

Desenvolvimento sustentável 28, 31, 33, 164

Diabetes 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 98, 132, 142, 149, 188, 191

Diversidade 21, 82, 123, 238, 241, 262, 264, 267, 271

Drogas 50, 52, 66, 72, 77, 78, 79, 80, 81, 84, 88, 90, 92, 122, 123, 153, 154, 170, 171, 183, 187, 189, 191, 245, 267

E

Educação em saúde 56, 72, 78, 91, 106, 107, 109, 114, 216, 217, 218, 220

Educação física 96, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 123, 130, 241, 250

Educação sexual 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 95

Enfermagem 23, 26, 27, 35, 36, 38, 39, 45, 54, 62, 70, 83, 94, 109, 110, 156, 157, 158, 159, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 193, 229, 230, 231, 232, 234, 236, 250, 260, 270

Ensino básico 234, 243, 244, 246

Envelhecimento saudável 106, 107, 108, 116

Estratégia de saúde da família 23, 118, 122

Exercício físico 59, 97, 98, 115, 131

I

Identidade de gênero 1, 4, 5, 7, 11, 13

Inovação tecnológica 28, 30, 31, 32, 33

M

Masculinidade 1, 2, 3, 8, 11, 12, 16, 17, 18, 19

Métodos contraceptivos 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93

N

Nutricionista 195, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215

P

Pandemia 33, 55, 56, 57, 58, 61, 106, 109, 111, 114, 124, 127, 128, 216, 217, 219

Pessoas com deficiência 156, 157, 158, 162, 163, 164, 165, 166, 167

Pessoas em situação de rua 183, 184, 185, 190, 191, 192, 193, 194, 262, 268, 272

Políticas públicas 4, 5, 18, 28, 30, 31, 33, 54, 72, 85, 86, 87, 90, 91, 93, 95, 96, 101, 102, 103, 108, 116, 156, 157, 158, 164, 165, 166, 167, 179, 180, 181, 192, 193, 196, 224, 236, 238, 242, 244, 251, 252, 253, 259, 267, 268, 270, 271, 272

Profissional de saúde 10, 13, 163, 202

Profissional do sexo 68

Programa nacional de alimentação escolar 195, 196, 197, 208, 212, 213, 214, 215

Psicotrópicos 47, 49, 50, 52, 54

R

Rede pública de ensino 119, 196

S





Sars-Cov-2 55, 56

Saúde do trabalhador 221, 222, 223, 224, 227, 228, 231, 232, 233, 253




Saúde ocupacional 216, 222

Suicídio 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155

POLÍTICAS E SERVIÇOS DE SAÚDE 2

www.atenaeditora.com.br 
contato@atenaeditora.com.br 
[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 
www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

POLÍTICAS E SERVIÇOS DE SAÚDE 2

www.atenaeditora.com.br 
contato@atenaeditora.com.br 
[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 
www.facebook.com/atenaeditora.com.br 